



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

A fotografia como registro do efêmero: intervenções urbanas na cidade de São Paulo.

Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

Ana Beatriz Serranoni Soares¹

Profa. Dra. Rita de Cássia Alves Oliveira²

Centro Universitário SENAC-SP

Resumo

Este artigo apresenta-se como resultado parcial da pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo Centro Universitário Senac (SP), que propõe a captura de imagens fotográficas das intervenções urbanas juvenis (*graffiti*, *pixação*, *sticker*) encontradas nas regiões Sul e Oeste da cidade de São Paulo; o objetivo da investigação é diagnosticar e analisar as formas de apropriação que o grupos juvenis fazem da metrópole, suas linguagens e suportes, bem como refletir sobre o papel da imagem fotográfica como registro dessas inscrições efêmeras, tanto para arquivo e manutenção da memória da cidade quanto para construção da memória dos praticantes dessas atividades.

Palavras-chave

Jovens; intervenções urbanas; metrópole; memória; fotografia.

Introdução

As imagens são frutos das experiências humanas, são produções do espírito. Nas últimas décadas elas têm passado por uma intensa revalorização cognitiva; vemos aumentar o interesse pela reflexão sobre os processos ligados às imagens que envolvem

¹ Ana Beatriz Serranoni Soares é aluna do Bacharelado em Fotografia do Centro Universitário Senac (SP) e bolsista de Iniciação Científica nessa instituição com o trabalho “Circuitos: um retrato etnográfico dos grupos juvenis de intervenções urbanas na cidade de São Paulo”.

² Rita de Cássia Alves Oliveira é doutora em Antropologia e atua como docente e pesquisadora no Centro Universitário SENAC-SP, onde atua no mestrado e nas graduações em Design; pertence ainda ao Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



produção, recepção, percepção, linguagens e mercados. As metrópoles têm suas superfícies e seus cotidianos transformados pela cultura imagética que abarca, de forma inusitada e simultânea, as experiências tecnológicas e as culturas juvenis que delimitam a experiência metropolitana. Refletir sobre as imagens, as cidades e os jovens implica em voltar nossos olhos para as práticas, formas de expressão e estéticas que envolvem o cotidiano contemporâneo.

Este artigo pretende apresentar alguns dos resultados obtidos e o método de trabalho desenvolvido pelo projeto de Iniciação Científica na área de fotografia ³ articulado à pesquisa “Design, metrópole e culturas juvenis” ⁴ atualmente em desenvolvimento no Centro Universitário SENAC de São Paulo, na qual se investiga as apropriações e intervenções juvenis verificadas na metrópole (*graffiti*, *pixações* ⁵, *stickers* e *lambe-lambes*), assim como seus processos de produção e apropriação a partir da articulação entre a fotografia, o design, as culturas juvenis e a cidade.

A base fundamental desse projeto encontra-se na investigação “Jovens urbanos: concepções de vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural” (BORELLI, ROCHA, SILVA, OLIVEIRA e SOARES, 2003) desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo entre 2002 e 2003. O objetivo principal desse trabalho foi captar as concepções de vida e morte articuladas à experimentação da violência e à complexa rede de apropriações simbólicas do consumo cultural de jovens entre 15 e 24 anos, moradores da cidade de São Paulo, especialmente os das zonas sul e oeste. A concepção de uma juventude nômade, ao mesmo tempo universal e particular (MORIN, 1984) mostrou-se fundamental para a compreensão das dinâmicas de apropriação territorial e sensorial, assim como para captar as aproximações entre universos sociais e culturais distintos da amostragem selecionada. Foram selecionados jovens de regiões de contraste da cidade: na zona sul privilegiou-se o Jardim Ângela, a Cidade Dutra e o Capão Redondo; na oeste optou-se pela Vila Madalena, Pinheiros, Perdizes e Lapa. Essa circunscrição do espaço de realização da pesquisa decorreu, por sua vez, de investigação anterior realizada também na PUC-SP (MARCIGLIA, PAVEZ e OLIVEIRA, 2002) na qual o mapa de mortalidade juvenil do município de São Paulo

³ “Circuitos: um retrato etnográfico dos grupos juvenis de intervenção urbana na cidade de São Paulo”, por Ana Beatriz Serranoni Soares; orientação: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Alves Oliveira; 2006-2007. Centro Universitário Senac. São Paulo, S.P

⁴ Equipe de pesquisa: Profa. Dra. Rita de Cássia Alves Oliveira (coord.), Profa. Dra. Andréa de Souza Almeida, Profa. Dra. Sílvia Helena Simões Borelli; bolsistas de Iniciação Científica: Ana Beatriz Serranoni, Adriano Grant, Ivan Ordonha.

⁵ A grafia, na norma culta, é *pichação*; mas aqui aparece com X (*pixação*), como os jovens paulistanos a utilizam.



apresentava dois nítidos “bolsões” relativos a duas realidades socialmente díspares: a zona sul, região periférica, com altos índices de violência e mortalidade juvenil, poucas áreas de lazer e transporte público deficitário e a zona oeste, área próxima ao centro da cidade, com uma juventude dotada de alto capital cultural, baixos índices de mortalidade juvenil, boa rede de transporte público e diferenciadas opções de lazer, inclusive públicos. Na primeira, a violência juvenil envolve as “mortes anunciadas”, aquelas diretamente relacionadas às condições de vida do entorno e à vulnerabilidade juvenil que a qualquer momento podem atingir os jovens e interromper suas vidas. Na segunda, a zona oeste, apresenta “mortes inesperadas” e apresenta baixos índices de mortalidade juvenil motivados principalmente por acidentes de trânsito, assaltos ou roubos de carros; traduz a remota possibilidade de ver a morte interromper essas trajetórias juvenis. A pesquisa na qual esta investigação de Iniciação Científica está inserida utiliza esta mesma base territorial para o trabalho de campo; o convênio estabelecido entre o SENAC e a PUC intensificou as trocas conceituais e metodológicas entre as investigações e ofereceu uma ampla base para este trabalho.

Da articulação entre fotografia, design, metrópole, culturas juvenis e apropriações simbólicas foram estabelecidos dois eixos temáticos que definem, ao mesmo tempo, os objetivos específicos e a metodologia adotada na investigação. O primeiro envolve as culturas juvenis, seus nomadismos e apropriações da metrópole e visa analisar alternativas de inserção de grupos juvenis no cotidiano da metrópole paulistana, a partir de uma perspectiva que articule o campo do design, da comunicação e da antropologia. O objetivo é avaliar as interconexões entre experimentações temporais e vivências/apropriações territoriais de jovens urbanos, articuladas às concepções de juventude que envolvem produção e consumo culturais e às formas de organização juvenis. O segundo eixo temático diz respeito às formas expressão e comunicação visuais dos jovens e tem como objeto o design comunicacional da metrópole, especificamente a comunicação visual ligada às intervenções juvenis, suas linguagens estéticas, suportes, materiais, percursos e escritas. Comunicações presentes nos espaços públicos tais como: *graffitis*, lambe-lambes fixados em paredes e postes, cartazes de intervenções culturais e os adesivos gráficos (*stickers*). Este eixo pretende articular os comportamentos urbanos juvenis às comunicações visuais empregadas, promovendo um levantamento dos nomadismos a partir das escrituras juvenis que poderá se concretizar num inventário dessas intervenções. A partir da prospecção fotográfica do material coletado é possível identificar as técnicas empregadas e as



referências de linguagens mais usuais e interpretá-las através de grupos temáticos específicos. A relevância desse projeto de pesquisa está na reflexão sobre a comunicação visual contemporânea no espaço público, seus desdobramentos e transgressões que resultam em manifestações ousadas, provocando intervenções tanto comunicativas quanto estéticas.

A partir desta longa trajetória investigativa esta pesquisa de Iniciação Científica propôs a captação de imagens fotográficas das intervenções urbanas presentes na zona sul e oeste da capital paulista com o objetivo de refletir, a partir destas mostras, sobre esses processos que envolvem os discursos juvenis que tem como suporte o espaço público da cidade de São Paulo.

Este artigo busca, assim, apresentar alguns dos resultados preliminares dessa investigação relativos à importância da fotografia como registro para a construção de uma identificação entre a metrópole e o indivíduo. Estes jovens têm sua atividade, inicialmente, capturada numa imagem, registrando para si e para a sociedade seus pertencimentos grupais e sua presença no espaço público assim como seu poder de ação sobre ele, já que o ritmo da contemporaneidade não permite que esta presença seja notada de forma mais natural. Além disso, este artigo apresenta uma incursão pelos processos históricos e culturais que marcaram a emergência destas intervenções urbanas articuladas ao crescente protagonismo das culturas juvenis metropolitanas.

Este processo de pesquisa foi iniciado por um aprofundamento teórico, realizado através de leituras sistematizadas da bibliografia relativa às temáticas abordadas, seminários e pesquisa em sites vinculados aos grupos de intervenção. Posteriormente, a preparação para pesquisa de campo tornou-se importante; nesta etapa foram delimitados os espaços para captação das imagens nas zonas sul e oeste da cidade de São Paulo obedecendo aos critérios de locais de grande fluxo, locais de concentração e apropriação juvenil. Seguido a esse processo as imagens foram captadas e arquivadas a partir de um método de catalogação em mídia digital, criando um banco de dados baseado em códigos formados por letras e números que permitem um cruzamento exato de informações. Paralelamente a isso a fotografia foi pensada como registro destas atividades efêmeras; verificou-se, então sua importância para as culturas juvenis, especialmente para aqueles que atuam nas várias intervenções urbanas.

FOTOGRAFIA, REGISTRO, IDENTIDADE.

Desde seu início até os dias atuais, a fotografia traz em si o estigma de indiciário, de ser aceita como evidência da existência de algo ou alguém. A imagem registrada, segundo esse ponto de vista, configura-se como cópia da realidade, sendo que ela é capaz apenas de captar sua superfície visível (DEBOIS, 1993:45). Nestas bases, a fotografia tem em sua principal função a capacidade de transformar em documento aquilo que é efêmero.

Os registros fotográficos são, atualmente, a principal prova visual das ações do homem. Ainda mais significativa é a idéia de que a fotografia, de certa forma, nos educou ao que deve ser olhado e percebido numa gama imensa de possibilidades que foram surgindo juntamente com a modernidade, quando o olhar e a percepção sofreram grande modificação devido ao número cada vez maior de estímulos.

Segundo Susan Sontag (SONTAG, 2004: 13) “o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens.”, portanto o papel da imagem para construção da memória coletiva ou mesmo individual torna-se imprescindível, pois ela é a testemunha de que existiu um presente naquilo que agora é ausente e isto é o que costumamos chamar de memória.

A memória é inerente ao ser humano: desde sempre o homem tem se ocupado em produzir sinais que registrem o seu presente e permaneçam para além do futuro, servindo de marca da própria existência e dando a ela algum sentido (CORTÁZAR, 1986). No seu conjunto, as várias memórias perpetuadas através da imagem permitem ao indivíduo a construção de sua identidade e pertencimento.

No caso das intervenções urbanas encontramos a forte presença das fotografias no cotidiano de pixadores e grafiteiros; multiplicam-se os blogs e fotologs nos quais expõem suas obras, seus feitos, encontros e reuniões. São as fotografias que atestam suas atividades e perpetuam suas intervenções nesta metrópole pautada pela aceleração, efemeridade e descartabilidade (HARVEY, 1994); por meio destas imagens estes jovens anunciam pertencimento e elaboram subjetividades. Esse processo se dá tanto pelo arquivamento pessoal quanto para construção da identidade da própria cidade, que através dos registros evidencia as diferentes vivências de seus ocupantes e as diferentes formas de apropriação do espaço coletivo.

As fotografias são importantes, nesse contexto, para memória da cidade; através delas reconhecem-se esses processos de intervenções urbanas como parte constituinte de sua estrutura histórica, gerando um olhar diferenciado, e talvez mais



interessado, sobre estas atividades consideradas “marginais”, aqui consideradas como aquelas que não se rendem ao estabelecido, e buscam uma desconstrução dos códigos para possibilitar seu questionamento. Isso só será possível historicamente por meio de registros e análises iconográficas, que serão os indícios capazes de denunciar os fatos para os resgates e interpretações de uma época sejam feitas.

Além da questão da cidade podemos verificar a importância do registro fotográfico no âmbito individual, como foi verificado no acesso a alguns sites disponíveis na internet ⁶; nestes espaços virtuais são publicadas as fotos de registro dos grupos praticantes dos diversos tipos de intervenção por seus próprios componentes. Estes documentos imagéticos tornam-se importantes no cotidiano destes jovens e adquirem o caráter de coleção para os envolvidos, fazendo com que a imagem passe a possuir a seus olhos, alguma utilidade tanto do ponto de vista da subjetividade quanto da racionalidade da relação com a metrópole.

Transformando o transitório em imagem, estes meninos e meninas perpetuam, com as fotografias, suas ações, momentos e afetividades. Atribuem valor, assim, àquilo que em termos de durabilidade física e da lembrança não lhes oferece nenhuma garantia; é isto que a fotografia lhes proporciona, pois em tempos imagéticos e velozes, tudo se torna fugaz e a imagem no papel, simulação da realidade, parece verdadeira e perene que a própria, embora dotada de magia (MORIN, 1975).

Pensando dessa maneira, podemos afirmar que a fotografia é utilizada para perpetuar a ação e idealizar o acontecimento passado, concretizando uma experiência individual, mas que assuma através da imagem importância diante do coletivo, sentido esse bastante cultivado dentro dos grupos. Ou então, do ponto de vista da coleção, as fotografias podem representar a necessidade juvenil de expor aos outros seus feitos, coragens e aventuras para compará-las as de seus companheiros e, mais uma vez, atribuir valor às suas atividades. As intervenções urbanas juvenis são ações eminentemente coletivas; esta característica reforça o caráter de expressão cultural dessas atividades e a busca de transformação da realidade seja através da presença física do grupo ou da própria intervenção urbana que se fará presente e visível no grupo social (BORELLI, 2005).

⁶ Ver sites: http://www.stencilbrasil.com.br_03.htm; acessado em 01 de junho de 2007.
<http://www.artsampa.com> ; acessado em 01 de junho de 2007 .
<http://streetart.antville.org> ; acessado em 31 de maio de 2007.
<http://graffiti.org.br> ; acessado em 31 de maio de 2007.



A fotografia, como registro das atividades de intervenção urbana na cidade de São Paulo, é instrumento para criação das memórias da cidade através de seus “retratos” bem como para o registro da relação existente entre estes jovens e a cidade: seus rostos, iguais a milhares de outros, se diferenciam pela ação de que são capazes, sua identidade configura-se para a sociedade com as cores e as formas de seus personagens, pelo formato de seus grafismos e pelo modo distinto com que fazem uso da tinta. É isto que os tornam reconhecíveis frente ao anonimato das metrópoles.

Essa colocação nos traz uma preocupação bastante pertinente no que diz respeito ao arquivamento destas imagens que, parte de acervos pessoais podem se perder ou desgastar, tornando relevante o trabalho do fotógrafo profissional e das entidades que podem de maneira correta arquivar e preservar estes documentos contemporâneos que em breve farão parte do passado.

INTERVENÇÕES URBANAS: DESENVOLVIMENTO E HISTÓRIA.

A cidade de São Paulo é hoje a mais populosa do Brasil e a terceira unidade administrativa mais populosa da América do Sul. Considerada o motor do país, a cidade tem a população mais diversificada do Brasil, formada principalmente pelos imigrantes vindos no final do século XIX e início do XX, além dos próprios brasileiros provenientes de outros estados, que migram constantemente para a capital paulista, em busca de realizar o sonho do trabalho e de melhores condições de vida.

Segundo dados do IBGE ⁷, São Paulo tem hoje mais de 11.016.703 habitantes divididos em 4 regiões com enormes discrepâncias sócio-culturais. Uma cidade de 11 milhões de anônimos, uma torre de babel, um deserto de homens: espaço propício para a afirmação do anonimato e para o crescimento da massificação. A vida numa grande metrópole como São Paulo, carrega em si uma dimensão solitária em meio a uma multidão de pessoas. Desta forma, o espaço público tem seu significado alterado na construção identitária do homem urbano, portanto, esvaziado da construção coletiva, uma vez que o coletivo não se apresenta como pertinente dentro do ritmo e da estruturação da própria cidade.

⁷ <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2006/estimativa.shtm>; acessado em 25 de maio de 2007.

Nestes tempos em que o espaço público encontra-se tomado por um individualismo exacerbado e tão pouco lembra os tempos em que se fazia servir para o encontro ativista dos cidadãos, que nele e através dele, elaboravam suas idéias, discutiam seus pontos de vista, criavam os círculos espontâneos de sociabilidade e os ampliavam, armavam seus espetáculos de protestos; as intervenções urbanas produzidas pelos grupos juvenis se apresentam como elemento para resgatar a condição do homem de ser, por excelência, aquele que deve apropriar-se do espaço público de tal sorte que seja o protagonista de sua cidade, de seu país, construindo assim uma história que precisa ser preservada e entendida como tal.

Na metrópole contemporânea essa condição tendencialmente solitária e passiva se contrapõe ao sentido da individualidade e tem, para a juventude, um significado mais complexo, já que essa é uma fase do desenvolvimento marcada exatamente pela busca da identidade (ZAGURY, 1996; PEREIRA, 2005) que, para sua construção, perpassa o sentido da individualidade por meio do coletivo que só se faz significativo quando é possível reconhecê-lo⁸. Para que tal juventude se reconheça, faz-se necessária a busca de uma ação que a legitime perante a sociedade, o que só ocorrerá quando para ela existir um espaço de discurso. A partir desse momento, a ação e a definição de si re-significará, para os jovens, o espaço urbano.

Com a popularização da indústria automobilística e a produção, para tal fim, da tinta *spray*, algumas atividades de intervenção urbana tornaram-se possíveis. Lojas de departamento passaram a fazer sua publicidade em desenhos nas paredes externas dos estabelecimentos com a intenção de atrair o público consumidor. Nos anos 1960, um grande movimento na Universidade Sourbone, em Paris, utilizou da mesma linguagem como forma de manifestação de estudantes que travavam uma “guerrilha urbana” dentro do espaço universitário. Desde então, o *graffiti* passou a ser entendido como arma para externar as reivindicações juvenis (GITAHY, 1999).

Nesse primeiro momento os “*graffitis* poéticos” (FONSECA, 1985), passam a buscar um outro sentido para as palavras que não se limitava ao seu sentido semântico, mas também fazia delas uma forma de ornamento para o discurso político, demonstrando uma consciência estética na forma das mensagens. Neste momento o valor social da inscrição urbana ainda estava agregado às palavras, diferentemente da imagem que temos do *graffiti* hoje, que está estreitamente vinculado ao desenho e ainda

⁸ ARDUINI (2002: 56) define que “reconhecer é mais que perceber. é ter consciência da realidade existente”...

não tão próximo à pixação, recurso no qual as palavras não assumem importância maior que os desenhos criados para representação gráfica da letra.

Do mesmo modo, no início dos anos 1970, as pixações apareceram nos metrô de Nova York como manifestações contra o racismo, e as más condições de vida nos guetos. Porém dessa vez, ao contrário da limpeza das “sprayações”, típicas da atividade parisiense, a cor foi agregada à linguagem, provocando aos olhos do espectador uma rebelião estética, que fez com que o olhar da crítica e de parte dos transeuntes admitisse aquele visual como uma manifestação que ultrapassava o limite da política e alcançava algo que poderia ser considerado arte. Em todo caso, a verdade que estava inscrita nos metrô era a necessidade de tradução dos desejos juvenis de marcarem fisicamente sua existência em meio à metrópole.

No Brasil as manifestações - consideradas inscrições ilegais - também tiveram como precedentes o uso da tinta *spray* nas propagandas publicitárias dos anos 1940 e 1950, quando os anúncios dos grandes magazines eram realizados com esta técnica nos muros das cidades, assim como nas manifestações estudantis durante a ditadura militar. Nessas manifestações, os jovens brasileiros tentavam alertar a cidade sobre a necessidade de manter a liberdade democrática ameaçada no país.

Do modo imagético como as conhecemos hoje, as intervenções tomam força no fim dos anos 1970 - início dos 1980 nos bairros de melhor situação sócio-econômica e alto nível de alfabetização, locais urbanos, redutos de jovens que tinham acesso ao que ocorria no mundo e, conseqüentemente, ao tipo de expressão característica de outras grandes metrópoles mundiais. Caracterizando-se em seu início como uma manifestação da contracultura, movimento no qual é feito o questionamento das funções e ocupações da arte, o *graffiti* e o *stencil* - uma de suas derivações -, eram realizados por uma nova safra de artistas plásticos que não encontravam espaço dentro das galerias naquela época fechadas para incursões dessa arte nova e revolucionária.

Naquela época foi possível, segundo Décio Pignatari em entrevista a Cristina Fonseca (1985), estabelecer uma relação entre o *graffiti* e a poesia denominada marginal. Tal linguagem caracteriza-se pela qualidade de ser pública e pela importância dada à performance no momento de sua produção, transformando o *graffiti* e a pixação em atos poéticos, eventos artísticos, acontecimentos grupais e formas de expressão.

Em paralelo, a periferia paulista também se apropriou das latas de *spray* para articular um discurso que falasse de sua realidade; no caso da pixação isso resultou em morte e repressão, já que o *graffiti* foi progressivamente acolhido como um tipo de

expressão plástica aceitável e a pixação, devido ao seu caráter mais violento e agressivo, como contravenção. Em poucos anos as galerias abriram-se para os novos artistas e incorporaram em suas coleções obras produzidas com as técnicas desenvolvidas originalmente para as ruas; vários artistas abandonaram suas atividades contestatórias para integrarem o espaço convencional do discurso artístico.

Desde então, as atividades de intervenções urbanas se multiplicaram e as gerações que se sucederam continuam agindo no espaço urbano por meio de diferentes linguagens - *graffitis*, pixações, *stickers*, *stencils* e lambe-lambes - produzindo uma nova versão desse espaço, acreditando assim na sua transformação, apropriação e resignificação, chamando atenção sobre sua existência e sobre a possibilidade de uma nova leitura das metrópoles.

INTERVENÇÕES JUVENIS NA SÃO PAULO CONTEMPORÂNEA

A metrópole contemporânea manifesta-se aos olhos de seus ocupantes de maneira agressivamente desagregadora. A grande invasão de imagens no espaço público desenvolve nos transeuntes uma nova percepção pautada pelo conflito de signos apresentados e pela sensação de deterioração do espaço coletivo.

Contudo não é possível ignorar, em meio à paisagem urbana, os signos que marcam os muros da cidade e que fazem parte de uma linguagem construída através de grafismos e formas não previsíveis e que poderiam ser considerados como *grafismos selvagens*, que se configuram nas formas agressivas de comunicação visual, como os *graffitis*, as pixações ou cartazes de caráter político; é uma linguagem imaginária que afirma sua presença mais pela visão das letras/imagens do que pela possibilidade de sua leitura e entendimento.

Neste contexto, aquilo que, então, aparecia como uma expressão marginal da cultura ⁹ aparente e espetacular, chegando a ser, algumas vezes, analisada no contexto da delinqüência e transgressão juvenis, adquire outra dimensão: a de que o arcabouço de significados, signos, apropriações estéticas que compõem a manifestação estratégica de identidades, de ideologias, de contestações que formatam especificidades de uma cultura juvenil.

⁹ O conceito marginal aqui empregado está condizente ao que é colocado em lugar secundário na sociedade, conforme reflexões desenvolvidas por BERLINK (1977).

A tentativa principal destes produtores contemporâneos parece ser a de interferir no espaço cultural da cidade e ter em suas ações o reconhecimento público de suas inscrições a partir da recorrência de seus códigos na paisagem urbana, questionando fortemente o tipo de relação possível de ser estabelecida com a cidade na qual eles constroem a pretensão de ser; não são apenas mais um elemento, mas também seu protagonista, agente da ação formadora da metrópole, para tanto a fotografia da ação e seu resultado tornam-se a única prova de que aquele momento existiu de forma física, quase performática, mas clandestinamente.

Cabe neste momento contemplarmos em nossas discussões, mesmo que de maneira breve, a importância dada à afinidade e a identificação que definem os grupos juvenis tão abordados por Michel Maffesoli, em seu livro *O Tempo das Tribos* (1987) e exaustivamente exposto no documentário *A letra e o muro* de Lucas Frentin (2002) nos quais a recorrência dos diversos tipos de associações juvenis são extremamente importantes para criação de códigos específicos de linguagem, organização e estética, em função de se conseguir alguma eficiência na expressão particular de um modo de vida, de uma ideologia cujo objetivo principal está na contestação de algum ponto da realidade social que lhes é apresentada, como também no ato de chamar atenção sobre o indivíduo que a pratica.

Neste sentido, segundo o autor José Guilherme Canto Magnani¹⁰, os grupos juvenis vão recortando o espaço social para delimitar as áreas que utilizam e a forma como delas se apropriam, o que o autor classifica em quatro categorias de ocupação: pedaço, manchas, trajeto e circuito¹¹. O que difere uma categoria da outra é a sociabilidade presente, a forma como o grupo ocupa o local, a abrangência e a lógica territorial para manifestação e trânsito dos grupos. Outro aspecto importante a ser

¹⁰ Texto disponível para consulta no site:

http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s00347701998000200007&ing=in&mrn=180; acessado em 29 de maio de 2007.

¹¹ Segundo o autor: Pedaço: “se associa a um espaço ocupado pelo jovem onde a sociabilidade ocorre em outro contexto que não de sua origem.”

Mancha: “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam cada qual com sua especificidade, competindo e complementando - uma atividade ou prática.”

Trajeto: “uma forma de uso do espaço que se diferencia, em primeiro lugar, daquele descrito pela categoria *pedaço*... trajeto aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas. É a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano para além do bairro que colocam a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas...”

Circuito: “Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais”



ressaltado é a possibilidade de troca entre grupos de diferentes origens e objetivos. Além de conhecer áreas da cidade às quais talvez não tivessem acesso de outra forma, quando partem para redutos que não dominam em função das interferências a serem realizadas, os grupos sofrem a ação de seus “rivais” sobre as “obras”. Quando isso acontece, obviamente cria-se uma rivalidade entre os diferentes mas, esteticamente, cria-se uma terceira forma de expressão, que é o resultado da soma das duas anteriores.

Assim, estes tipos de expressões culturais frutos de uma criatividade e contestação próprias da juventude parecem realizar movimentos relevantes dentro dos grupos de intervenção: o primeiro é para formação, organização e estruturação de um grupo que cria um código particular, cria a própria estética, e estabelece estratégias para tornar conhecidas suas ideologias e seu modo de vida. O segundo é a sua inserção na sociedade fazendo-a identificar sua existência, inscrevendo-se na construção da realidade social através do ato concreto de re-significar o espaço urbano, cabendo aqui as disputas de espaço entre os grupos e as interferências de um código sobre os outros criando uma disputa entre os grupos.

CONCLUSÃO

Essa luta simbólica pelo espaço é uma das características dos tempos modernos, principalmente para os jovens que neste período de descobertas e de demarcação de território necessitam de uma certeza física de seu pertencimento no espaço da metrópole. Além de que, a interferência sobre os trabalhos dos outros grupos pode promover uma sensação de poder e força.

Nesse sentido, o que pudemos observar é também a existência de uma hierarquia dentro dos grupos coletivos de intervenção urbana a partir do momento que, para sua ação, é desenvolvida uma metodologia. A estruturação dos grupos aparece, então, de forma mais horizontal, de acordo com a dinâmica coletiva, já que ela se dá mais por admiração, respeito e de construção de parceria para realização de uma ação que possui um fim comum, que neste caso é o da inscrição e da recriação do espaço urbano que não se apresenta da maneira desejada.

Essa organização articulada é mais facilmente notada quando a presença de suas inscrições e a manutenção delas permanecem notáveis por períodos mais longos, aliviando a idéia de temporalidade e provisoriade das formas de manifestações juvenis oferecendo a elas um caráter permanente para os jovens que se agregam aos



grupos e os perpetuam, assim como para a sociedade que toma conhecimento da existência de outros grupos de expressão cultural e de construção da realidade. A inscrição em si é efêmera por sua natureza: paredes são pintadas, lambe-lambes e *stickers* se decompõem, porém a quantidade de repetições dos mesmos signos ou as características intrínsecas aos desenhos que ocupam as ruas é que os tornam reconhecíveis aos olhos daqueles que as percebem.

A efemeridade e a necessidade do registro destas ações são pontos que nos interessam enormemente dentro desta discussão e tendo apresentado um panorama geral destas atividades, os tomaremos agora como foco.

Referências bibliográficas

- BERLINK, Manoel. *Marginalidade Social e relações de classes em São Paulo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977
- BORELLI, Silvia Helena Simões e ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo (coord); SILVA, Gislene; COSTA, Josimey; OLIVEIRA, Rita Alves de; SOARES, Rosana de Lima. *Jovens urbanos: concepções de vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural*. Relatório FAPESP. São Paulo, 2003.
- DUBOIS, Phillippe. *O Ato Fotográfico*. Campinas, SP: Papyrus, 1993
- FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1987
- FONSECA, Cristina. *A poesia do acaso (Na transversal da Cidade)*. São Paulo: TA Queiroz Editora, 1985.
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme C.(1992), "Tribos urbanas, metáfora ou categoria?" *Cadernos de Campo- Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia*. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 2 (2).
- MARCIGLIA, Regina; PAVEZ, Graziela; OLIVEIRA, Isaura. *Consolidação da política pública de atendimento das vítimas de violência*. São Paulo. Pesquisa FAPESP, 2000-2002.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo I. Neurose*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- _____. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- PEREIRA, Antonio Carlos Amador. *O adolescente em desenvolvimento*. São Paulo: Harbra Ltda., 2005.
- POATO, Sérgio (org) *O graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil: estéticas e estilos*. Núcleo Interdisciplinar de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TELLEZ, Armando Silva. *Graffiti: uma ciudad imaginada*. Bogotá: Tercer Mundo Editores 1998.
- ZAGURY, Tânia. *Limites sem traumas: construindo cidadãos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Filmografia



A letra e o muro. Direção: Lucas Frentin. .2002.30 min. cor, vídeo- VHS. Documentário.

Sites da internet consultados

1. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2006/estimativa.shtm>
2. <http://www.artgaragem.com.br/grafite/paginas/cp3.doc>
3. <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18433/1/r0554-1.pdf>

Artigos na internet

BORELLI, Silvia Helena Simões. Culturas juvenis: metrópole, mídias e culturas urbanas. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação – UERJ- 9,2005 [citado 15 de maio 2006] Disponível em <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18433/1/R05541.pdf>>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Youngsters and their routes in town. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 May 2007. Pré-publicação.

FERRAZ, Ana Lúcia. Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 May 2007. Pré-publicação.